

## **O DEBATE SOBRE O FEMININO POR MEIO DA PERSONAGEM HELENA DE TROIA: PROPOSTAS PARA O ESPAÇO ESCOLAR**

### **The debate about the feminine through the character Helena de Troia: proposals for the school space**

Letícia Schneider Ferreira  
Doutora em História (UFRGS)  
Docente EBTT do IFRS - Campus Bento Gonçalves  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6292-3028>  
E-mail: [leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br](mailto:leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br)

Recebido em: 29/03/2021

Aprovado em: 30/05/2021

**Resumo:** A abordagem dos conteúdos de História Antiga ainda geram diferentes posicionamentos por parte dos docentes: para alguns é uma temática tratada a título de curiosidade ou se erudição, enquanto para outros desnecessária e há os que pleiteiam sua remoção da grade curricular. O presente estudo tem por finalidade demonstrar que a História Antiga pode ser um veículo de promoção do debate sobre temas pertinentes na atualidade, como questões do feminino e a opressão de gênero. Assim, este artigo propõe a reflexão sobre o feminismo e a emancipação das mulheres por meio da reflexão de personagens como Helena de Troia, rainha espartana conhecida por sua beleza e que carregava uma série de estereótipos ainda hoje associado às mulheres. Assim, a análise desta personagem permite vislumbrar o caráter histórico dos discursos sobre o feminino e os tensionamentos e rupturas provocadas pelas mulheres que encontravam lacunas para atuarem em espaços que não lhes eram reservados. A abordagem da História Antiga pode, deste modo, possibilitar o exercício da crítica e o incentivo à autoestima, a partir da concepção de que elementos como a beleza, não passam de construções históricas e culturais.

**Palavras-chave:** Ensino de História Antiga; Helena de Troia; Feminismo.

**Abstract:** The approach to the contents of Ancient History still generates different positions on the part of the teachers: for some it is a theme treated as a curiosity or erudition, while for others it is unnecessary and there are those who demand its removal from the curriculum. The present study aims to demonstrate that Ancient History can be a vehicle for promoting the debate on pertinent topics today, such as issues of the feminine and gender oppression. Thus, this article proposes a reflection on feminism and the emancipation of women through the reflection of characters like Helena de Troia, a Spartan queen known for her beauty and who carried a series of stereotypes still associated with women today. Thus, the analysis of this character allows us to glimpse the historical character of the speeches about the feminine and the tension and ruptures caused by women who found gaps to act in spaces that were not reserved for them. The approach of Ancient History can, in this way, enable the exercise of criticism and the encouragement of self-esteem, based on the conception that elements such as beauty, are nothing more than historical and cultural constructions.

**Keywords :** Teaching Ancient History; Helen of Troy; Feminism.

## Introdução

A importância ou até mesmo a validade do estudo da História Antiga no ambiente escolar é um tema que recorrentemente se encontra em pauta: seria adequado que as temáticas relativas à história greco-romana, civilizações distantes temporal e geograficamente da realidade brasileira, ocupassem espaço na grade curricular e fossem enfatizadas entre os conteúdos escolares? Este questionamento exige uma série de ponderações: o conhecimento de determinados tópicos da História deveria estar restrito a um conjunto específico de pessoas, as quais estariam vinculadas umbilicalmente a tais eventos do passado? Outras sociedades, diversas nas esferas culturais e políticas não poderiam ser beneficiárias dos saberes produzidos por diferentes civilizações do passado ou até mesmo do presente? E por fim, quem é de fato habilitado para julgar esta questão e definir quem deve ou não ter acesso aos saberes produzidos ao longo do tempo pelas mais variadas sociedades?

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a abordagem dos conteúdos da Antiguidade Clássica no intuito de problematizar tópicos do presente em sala de aula, possibilitando que temas prementes na atualidade possam ser debatidos por meio da análise de discursos e narrativas produzidas pelas civilizações do período greco-romano. Assim, apesar da devida atenção para que não se recaia em práticas anacrônicas, diferentes temas de interesse dos estudantes e afeitos a seu cotidiano podem ser mobilizados por meio do ensino de História Antiga, permitindo que outros conceitos e eventos históricos possam ser analisados e cotejados com o presente. Deste modo, este estudo tem por finalidade abordar os tópicos de gênero e o imaginário que envolve a determinação de papéis para homens e mulheres por meio da reflexão sobre personagens femininas da literatura clássica, abordando de que modo é possível realizar esta reflexão em sala de aula.

A questões associadas ao feminino, como a delicadeza, submissão e a importância da beleza física ainda povoam os discursos sociais, e Helena de Troia, personagem recorrentemente abordada em obras literárias, históricas e filosóficas greco-romanas, é um modelo importante de destaque da feminilidade. O artigo, dessa forma, propõe evidenciar em sala de aula, a situação de inferiorização do feminino por meio de narrativas que limitam as mulheres a determinados espaços e atividades, julgando suas

ações e falas no interior de parâmetros permeados de preconceitos e misoginia. A perspectiva defendida no presente estudo seria a abordagem do feminino a partir do uso de fontes primárias, como textos de autores da Antiguidade Clássica, os quais versassem a respeito de Helena, cotejando com outros materiais, em uma visão interdisciplinar e que propiciasse aos e às estudantes a oportunidade de observar as narrativas sobre o feminino em diferentes temporalidades e sociedades.

### **Ensino de História Antiga e questões Contemporâneas**

O ensino de conteúdos de História Antiga, em especial referente a temas da Antiguidade Clássica greco-romana é objeto de uma série de questionamentos e muitas vezes críticas, com base em argumentos que destacam o distanciamento de países como o Brasil da realidade e legado deixado por tais civilizações ocidentais. Este debate ganhou força por ocasião da organização de uma Base Nacional Curricular Comum (BNCC) no ano de 2015, que tinha por finalidade padronizar os conteúdos curriculares ofertados no país e que acarretou em um apagamento dos conteúdos relativos à História Antiga. Salientou-se uma discussão da necessidade de ampliar o tempo dedicado em sala de aula para os tópicos referentes à História afro-brasileira e indígena, mais afeitas ao processo histórico nacional e pouco valorizadas na grade curricular. A premência em atender as exigências das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, as quais versam sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena originou um falso dilema entre o estudo destas questões de extrema relevância e o ensino de História Antiga; assim, muitos refletiam sobre a possibilidade de se remover os conteúdos referentes às sociedades da Antiguidade Clássica no intuito de ceder espaço para o ensino dos temas afro-brasileiros e indígenas, como se a partir de então os docentes estivessem fadados a realizar uma escolha que, inevitavelmente, excluísse a outra área de saberes.

É indubitável a relevância dos estudos relativos à História e Cultura afro-brasileira e indígena serem abordados enfática e permanentemente na sala de aula pelos docentes, em especial em um país no qual imperam discursos racistas e se naturaliza a violência contra grupos indígenas. As aulas de história, durante um longo tempo, reforçaram estereótipos e limitaram a contribuição destas sociedades à formação

nacional a aspectos associados à língua e culinária, apagando, muitas vezes, uma história de resistência, produção de conhecimentos e atuação nas diversas esferas da realidade, e é fundamental que a riqueza e complexidade destes grupos seja abordada pelos professores no ambiente escolar. Entretanto, seria de fato inviável comportar estas questões e os conteúdos relativos às civilizações greco-romanas no interior de um mesmo currículo? Haveria a necessidade em optar entre tais tópicos para serem trabalhados em sala de aula, como questões que necessariamente se opõem?

Assim sendo, também é interessante refletir sobre a necessidade de “defender” o ensino de História Antiga, como se este fosse algo deletério aos estudantes, os quais deveriam se concentrar em acessar os saberes produzidos por grupos associados diretamente à história nacional. Possivelmente, mais que o conhecimento dos eventos e da cultura greco-romana em si, mostram-se questionáveis os usos muitas vezes feitos das temáticas clássicas por muitos regimes autoritários ao longo do tempo. De fato, é inegável que os discursos que se valiam da perspectiva de que os conteúdos da Antiguidade Clássica seriam de caráter obrigatório por uma suposta herança deixada de modo inexorável aos ocidentais estavam permeadas por um olhar que atribuía características de superioridade frente ao legado de outras civilizações. Francisco alerta para esta questão, afirmando que:

[...] fica cada vez mais claro que não se pode criar narrativas em termos exclusivos de uma herança cultural; ou seja, não há uma linha direta entre nós e esse Mundo Antigo, por mais que haja vários elementos criados naquele contexto e que são presentes no nosso cotidiano. O gênero história é apenas um deles. Mas isso não significa que sejamos herdeiros dos gregos e dos romanos dentro de uma história da civilização ocidental; talvez sejamos herdeiros de um projeto moderno europeu que cunhou uma trajetória civilizatória cujo ponto inicial é a História Antiga (FRANCISCO, 2017, p. 56).

O autor chama a atenção para os usos feitos dos tópicos da História Antiga para sustentar narrativas de superioridade de determinadas civilizações sobre outras, tornando saberes específicos sinais de distinção. Assim, um primeiro passo para encetar a discussão sobre a importância do estudo da Antiguidade Clássica no ambiente escolar seria a necessidade de despir os conteúdos referentes às sociedades greco-romanas como se estes tratassem de conhecimentos e eventos comprobatórios de civilizações que estariam em um patamar diferenciado frente a outros povos apresentados como bárbaros

ou primitivos. Aliás, tais reflexões podem ser interessantes para problematizar a desigualdade de valorização destes saberes, demonstrando quem deles se beneficia e as potencialidades transformadoras que tais reflexões suscitam. Deste modo, é possível questionar os usos da História Antiga ao longo do tempo e os problematizar no ambiente da escola, desmistificando muitos de seus conteúdos, sem, todavia, negar sua relevância.

Os temas afeitos à História Antiga, assim como os demais eventos históricos podem viabilizar a reflexão sobre os mais diferentes temas relacionados ao humano, às relações sociais e à diversidade cultural. Este argumento não se baseia em uma suposta “História mestra da vida”, como se fosse inerente a esta disciplina a função de ditar comportamentos determinados ou evitar que situações de violência e autoritarismo venham a se repetir; contudo, a compreensão sobre os eventos e modos de organização humana ao longo do tempo pode propiciar uma prática constante do exercícios crítico e a adoção de uma postura investigativa que permita aos estudantes uma postura mais participativa e atuante na sociedade. Machado, Colvero e Porto explicitam esta questão, afirmando que:

A análise e reflexão crítica do passado é fator fundamental para a percepção de asserções contemporâneas como os preconceitos estabelecidos, as hierarquias de poder, o etnocentrismo, a desigualdade econômica, religiosidades, identidades, memórias, esquecimento e outros, o ensino de História Antiga possibilita essas análises e aprofundamentos dos fatos do passado e do presente, principalmente no que tange o reconhecimento da diversidade cultural. (MACHADO; COLVERO; PORTO, 2019, p. 9).

O ensino de História Antiga apresenta alguns desafios, dado o distanciamento temporal e geográfico, uma vez que monumentos e outros vestígios do período não se encontram diretamente acessíveis aos estudantes. Entretanto, veículos como a internet possibilitam que os jovens possam contatar a produção material e cultural destes povos, observando a diversidade de resquícios deixados por estas civilizações. Assim, os tópicos relativos à História Antiga podem propiciar a discussão sobre a interpretação de eventos específicos bem como do cotidiano destas civilizações por meio de ferramentas como fontes escritas, fragmentos de vasos e outros artefatos produzidos por estas populações da antiguidade. Este exercício permite que os estudantes possam vislumbrar

saberes que não eram socializados e sim restritos às camadas da elite social. Coelho e Belchior expõem este debate, afirmando que

[...] apesar de existirem dificuldades de se encontrar instrumentos didáticos para o ensino da História Antiga, não devemos esquecer que ela serve como instrumento de reflexão crítica, permitindo ao aluno repensar sobre as estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais da atualidade. Dessa forma, o ensino da disciplina seria essencial para a formação de uma cidadania crítica e o seu abandono como objeto de reflexão ou seu conhecimento de segunda mão levaria ao aprofundamento do fosso entre a formação cultural das elites e das massas. (COELHO; BELCHIOR, 2017, p. 65).

Assim, o estudo das civilizações grega e romana, as quais produziram uma série de poetas, historiadores e filósofos, permite que os estudantes possam não apenas contatar ideais e concepções elaboradas neste contexto, mas questionar e ressignificar tais conceitos a partir de sua própria realidade. Contrapor-se ao ensino da História Antiga é restringir aos jovens uma série de instrumentos que possibilitam uma compreensão mais acurada da sociedade em que vivem. De fato, a intenção de abordar os tópicos vinculados à História Antiga não deve ser tornar os estudantes primorosos eruditos, uma vez que na escola não se formam historiadores, mas sim cidadãos. Pereira e Seffner se referem esta temática, argumentando que:

Na base desses objetivos, está o pressuposto de que a escola forma cidadãos, não historiadores. Forma sujeitos capazes de historicizar a própria vida e de, como consequência, promover rupturas e pôr em suas mãos os destinos da sua cidade, da comunidade, da região. O acúmulo de conceitos históricos serve para tornar os estudantes sujeitos capazes de produzir opiniões e de considerar soluções políticas para os problemas do seu tempo. (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 120).

As civilizações greco-romanas oferecem a oportunidade de refletir sobre uma série de conceitos e experiências contemporâneas, como o próprio fazer político, a cidadania, a democracia e tantos outros elementos que, em grande medida, têm seu processo inicial com estas sociedades. O estudo do passado não está alijado dos interesses constituídos no presente e dialogam com as situações vivenciadas no contexto atual. A História das civilizações grega e romana desperta bastante interesse em diversos grupos sociais, o que pode ser visualizado por meio de recorrentes obras

cinematográficas e literárias que revisitam e revitalizam as narrativas da Antiguidade. A respeito desta discussão, Funari explica que

Não há estudo do passado sem reflexão sobre o presente. A História, como disciplina, sempre se volta ao público dos vivos, cujos interesses, valores, anseios, de forma consciente ou não, envolvem também o historiador. Neste sentido, estudar o passado, mesmo o mais distante, depende de uma exploração do presente e de seus antecedentes imediatos. Uma especificidade da História Antiga radica no papel de destaque que a cultura antiga exerce no presente, no passado recente e naquele ainda anterior. A presença do mundo antigo na canção popular, na telenovela, no seriado ondemand, no cotidiano, nos cultos [...] (FUNARI, 2018, p. 13).

A discussão sobre o feminino e a construção de papéis e comportamentos supostamente adequados a homens e mulheres é um tema que deve ser ressaltado em sala de aula e as fontes da Antiguidade podem se mostrar extremamente proficuas para evidenciar a forma como as diversas sociedades contemplam os diferentes sexos. Personagens paradigmáticas da literatura clássica, como Helena de Troia, Penélope, Medeia, entre outras, podem ser ferramentas interessantes para discutir características ainda hoje associadas às mulheres, como a beleza física, fidelidade ou maternidade, entre outros aspectos. Assim, aliando os estudos literários aos temas históricos, é possível instigar os e as estudantes a refletirem sobre os temas relativos ao gênero, observando rupturas e continuidades no olhar sobre o feminino ao longo do tempo e em diferentes sociedades.

### **Gênero e Feminino: ontem e hoje**

A compreensão da categoria gênero enquanto instrumento de análise da realidade social é fundamental para que seja possível romper com a naturalização de determinados papéis e características vinculadas ao sexo biológico e que criam hierarquias entre os indivíduos. Os estudos de gênero, que não necessariamente remetem ao feminino, mas sim aos aspectos relacionais entre os seres sexuados, demonstra as relações de poder que se construíram enfatizando a submissão feminina, obtida não apenas por meio da coação física, mas por uma série de artifícios discursivos que associavam às mulheres aspectos pouco valorizados nas diferentes sociedades. Contudo, é essencial ressaltar que este não é um termo destituído de complexidade e

que não se baseia em uma situação de oposição binária entre homens e mulheres, mas sim se refere a uma série de elementos que se relacionam aos poderes em disputa, possibilitando que alguns indivíduos possam acessar espaços de ação e decisão. Joan Scott explicita que:

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional.(SCOTT, 1995, p. 86).

O estudo das temáticas de gênero se tornaram mais recorrentes em especial a partir das décadas de 60 e 70 do século XX, momento em que se observa um recrudescimento dos movimentos com pautas feministas, e que passam a exigir uma participação mais efetiva das mulheres em diferentes espaços de poder e saber, como, por exemplo, os ambientes acadêmicos. Deste modo, a inclusão de mulheres nos espaços universitários possibilitou que os temas referentes ao universo feminino passassem a receber um maior grau de atenção e que estudos sobre tais temáticas fossem desenvolvidas. De fato, não está a se afirmar que todas as mulheres incluídas paulatinamente no âmbito das Academias se dedicassem aos estudos do feminino por serem mulheres, uma vez que esta também está longe de ser uma categoria homogênea; entretanto, é inegável que os estudos sobre a história e a contribuição das mulheres nas diversas esferas sociais foi largamente ampliada nesse contexto, dado o fato de que a visibilidade da existência destas agentes sociais se fazia urgente. Historiadoras, em especial, preocuparam-se em resgatar as personagens conhecidas ou anônimas que atuaram nos diversos eventos históricos, no sentido de observar a representatividade de grupos por muitos séculos silenciados. Tilly reflete sobre a influência dos movimentos feministas que pressionavam para que a exclusão do feminino de áreas como a História pudesse ser revestida por meio de investigações científicas, sendo então um elemento importante para o surgimento de estudos sobre tais questões. Tilly afirma que:

Um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período, ela foi escrita a partir de convicções feministas. Certamente toda história é herdeira de um contexto político, mas relativamente poucas histórias têm uma ligação tão forte com um programa de transformação e de

ação como a história das mulheres. Quer as historiadoras tenham sido ou não membros de organizações feministas ou de grupos de conscientização, quer elas se definissem ou não como feministas, seus trabalhos não foram menos marcados pelo movimento feminista de 1970 e 1980. (TILLY, 1994, p. 31).

O estudo sobre o feminino na Antiguidade Clássica propõe um desafio aos pesquisadores que se dedicam a explorar estes tópicos, uma vez que além da escassez de fontes, os registros encontrados devem ser analisados pelo filtro do olhar masculino. Os homens escrevem, enquanto são poucas as mulheres que possuem acesso à educação. Desta forma, muito do que é possível inferir sobre o feminino no período da Antiguidade Clássica é o que se pode obter nas fontes escritas e materiais produzidas pelos homens, salientando a importância de buscar interpretar esses materiais de forma conjunta no intuito de obter um quadro mais efetivo da situação das mulheres pertencentes a tais civilizações. Barbosa reflete sobre este debate, afirmando que:

O estudo das mulheres na Antiguidade enfrenta vários problemas e obstáculos, como todo estudo historiográfico, no que diz respeito às fontes. Em geral, as fontes apresentam um olhar dos homens sobre as mulheres e o mundo, daí o peso dado ao discurso masculino. Esse olhar tem como corolário a escassez de informações concretas sobre a vida das mulheres e sobre o lugar privilegiado concedido às representações delas. (BARBOSA, 2016, p. 354).

As mulheres, ao longo dos séculos, eram remetidas ao espaço do silêncio e seus sussurros pouco interessavam aos homens atarefados com o mundo político. O espaço privado era um espaço pedagógico do exercício do controle e da limitação, no qual se absorviam horizontes de possibilidades do ser e do estar no mundo. A fala feminina é desestimulada, quando ocorre é taxada como tagarelice, fofoca. O silêncio torna-se paulatinamente uma virtude para as mulheres e a expressão por meio da escrita, que exige um processo de organização intelectual, construção de argumentos, acaba desestimulada. Perrot discute este tópico, argumentando que:

[...] o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar – as paredes da casa abafam os gritos das mulheres e das crianças agredidas – pessoal. Uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidências [...]. O pudor é sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza. A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber sobre ele. (PERROT, 2005, p. 10).

Assim, é necessário observar que este silenciamento se reflete também nas fontes históricas, as quais, apesar de abordarem a temática das mulheres, não foram produzidas diretamente por elas e deve-se ter em conta que muito do que se afirma sobre o feminino não condiz necessariamente com a situação concreta das mulheres, mas sim com a forma com a qual estas eram observadas. De fato, muitas das observações referentes às mulheres condiziam talvez mais a expectativas sobre seus comportamentos do que um retrato fiel do que se encontrava concretamente na sociedade. Há uma série de representações sobre o feminino em fontes de diversas naturezas, as quais demonstram como as mulheres são imaginadas e descritas. Perrot expõe que:

A falta de informações concretas e circunstanciadas contrasta com a abundância dos discursos e com a proliferação de imagens. As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam [...] (PERROT, 2005, p. 11).

As mulheres são, portanto, representadas e é possível verificar que há uma preocupação nos discursos em estabelecer espaços e comportamentos para o feminino. Certamente, tal preocupação não seria gratuita e é possível inferir que sua ocorrência esteja associada ao fato de que muitas mulheres rompiam com aquilo que para elas era estipulado, e de alguma forma iam de encontro com a ordem vigente. As mulheres encontravam, muitas vezes, lacunas que lhe permitiam atuar no espaço público e portanto, um esforço de caráter prescritivo e pedagógico se fazia presente para que o adequado exercício dos papéis pelos diferentes sexos não fosse olvidado. Barbosa refere que:

O estudo das mulheres na Antiguidade não difere muito dos estudos contemporâneos. O registro primário do que elas fazem ou dizem é mediatizado pelos critérios de seleção dos escribas do poder. Indiferentes à vida privada, eles dedicam-se à vida pública, da qual elas não participam. Se elas a invadem, eles alarmam-se, como se fora uma desordem [...]. (BARBOSA, 2007, p. 354).

O estudo do feminino na Grécia Antiga é de fato complexo como são tais personagens: assim como hoje, não havia um grupo homogêneo, uma vez que o público feminino se dispunha em diferentes categorias sociais: as bem nascidas, as mulheres

pobres, aquelas que viviam no campo ou na cidade, as estrangeiras, etc. De um modo geral, é possível inferir que os documentos concentram-se de modo mais enfático sobre as mulheres das camadas mais abastadas da sociedade, sobre as quais o controle dos atos e dos corpos mostrava-se acentuado. As mulheres estavam associadas ao espaço da casa e da economia doméstica e suas responsabilidades voltavam-se ao correto funcionamento desta esfera da realidade, apontando para uma naturalização do exercício de tais atividades. Em relação a tais reflexões, observando a situação ateniense, sobre a qual há uma série de documentos, Andrade explicita:

Mirem-se no exemplo das mulheres de Atenas. Este conselho é hoje um ditado popular e tem nos transportado já há algum tempo para a tomada de consciência da condição feminina em nossa própria sociedade. Aqui, como lá, diriam os homens do entresséculos, as mulheres tinham nas mãos a organização de uma casa, sua administração, o cuidado dos filhos, as prendas domésticas, o agrado ao marido a ponto de merecer os mais diversos elogios etc. (ANDRADE, 2002, p. 180).

As fontes do período permitem entrever a concepção não apenas das atividades vinculadas às mulheres casadas, mas o que delas se esperava em termos de postura e atitudes. Evidentemente, a vida cotidiana impunha-se em toda a sua complexidade, com espaços de disputas, resistências e negociações, e não é possível afirmar quais os efeitos destes princípios normativos encontrados nos textos sobre a real ação das mulheres na Antiguidade Clássica. É possível avaliar, entretanto, o que era desejável ao olhar masculino, dominante e dominador, para estas mulheres casadas. Andrade observa que:

[...] nos textos normativos dos gregos antigos, a boa esposa era casta, silenciosa, não saía de casa, costurava e cuidava dos filhos tendo nas mãos as rédeas da economia (doméstica); e em seus textos míticos, suas estórias, as tresloucadas eram personagens de lendas (as mônades, por exemplo), nas quais dilaceravam seus maridos e filhos, atos que depois deviam ser expiados por toda uma comunidade. (ANDRADE, 2002, p. 180)

As exigências que pesavam sobre as mulheres e homens eram assimétricas, e as possibilidades de ocupação do espaço público, do exercício de decisão sobre si e seu corpo era diferenciado para homens e mulheres. Mata, ao estudar as personagens femininas nas obras de Aristófanes, afirma que:

Elas se encontravam sob o poder do cônjuge, cabendo dar-lhe filhos que seriam seus ulteriores e futuros cidadãos de Atenas. O status das mulheres casadas lhes impunha regras de conduta que eram de uma prática sexual estritamente conjugal. Quanto ao cidadão, ele era limitado, em relação à esposa, a certo número de obrigações. Ao homem casado não se permitia contrair outro casamento, mas nenhuma relação sexual lhe era proibida em razão do vínculo matrimonial. (MATA, 2009, p. 119).

As mulheres deveriam então ser protegidas no espaço doméstico, ambiente que, naturalmente, lhes cabia. Contudo, havia fissuras em relação a tais normativas e as mulheres, em especial as casadas e bem-nascidas também encontravam momentos em que poderiam atuar no cenário coletivo, como em rituais e festas religiosas específicas. Estes momentos também eram considerados importantes para que as mulheres das classes mais abonadas pudessem estabelecer articulações e construírem identidades em comum. As festividades as quais exigiam uma participação mais efetiva das mulheres no âmbito público também permitiam que estas integrassem a comunidade de modo mais amplo, valorizando sua atuação para o bem comum. Lessa afirma que:

A convivência das esposas atenienses “bem-nascidas” no cotidiano lhes permitiu não somente o desenvolvimento de vínculos de confiança e de reciprocidade através do desenvolvimento das relações de amizade, mas também a organização de lugares próprios de fala, que eram decodificados pelos grupos femininos. Consideramos a constituição desses lugares de fala, essencialmente femininos, como uma *tática* das esposas para participarem ativamente da vida *políade*. (LESSA, 2004, p. 71).

Deste modo, é importante salientar que, apesar das prescrições realizadas para as mulheres em determinados materiais estarem vinculadas mais ao desejo de determinados grupos em controlar e adequar comportamentos, estes vestígios podem revelar o olhar sobre as mulheres em determinadas sociedades e temporalidades, sendo uma ferramenta interessante para a abordagem deste tópico em sala de aula. A presença de discursos que ainda procuram naturalizar a associação de determinados aspectos às mulheres e homens, essencializando modos de ser e estar no mundo, remete à necessidade de trabalhar os temas do feminismo e de uma história das mulheres junto aos estudantes. Helena de Troia parece ser uma personagem bastante relevante para referir tais questões, exatamente pelo fato de que esta representa muitos dos aspectos comumente relacionados ao feminino (a necessidade da beleza física, por exemplo), mas, simultaneamente, exemplifica as possibilidades e riscos da ruptura do que se estabelece na padronização do comportamento das mulheres na sociedade.

## **Feminismo e Sala de Aula: reflexões a partir das narrativas sobre Helena**

A compreensão do arcabouço teórico propiciado pelos feminismos é fundamental para refletir sobre as disparidades sociais existentes entre homens e mulheres nos mais diversos âmbitos sociais. O Feminismo representa uma série de reflexões e movimentações de mulheres em prol de uma causa específica, bem como da denúncia de uma série de elementos discursivos e legais que acarretam a sua opressão. Apesar de, no início, não haver necessariamente uma organização que centralizasse as ações das mulheres, a perspectiva de reivindicação de direitos se coloca como pauta unificadora. Posteriormente, os movimentos feministas, que em sua primeira onda se associavam aos direitos políticos e direito ao sufrágio, passaram a agregar outros olhares, inclusive demonstrando que não há uma categoria homogênea referente às mulheres, pois estas são atravessadas por questões étnicas, de classe, geracional, etc. Deste modo, o próprio conceito de feminismo começou a ser referido no plural, sendo, entretanto, necessário salientar que, mesmo havendo questões que diferenciam sua militância, há um elemento que costura suas reivindicações: o combate à opressão de gênero.

O ensino de história, permeado pelas reflexões do feminismo, pode ser tornar um instrumento potente de transformação para meninas e também para meninos, dado que o feminismo possui um teor emancipatório para homens e mulheres. Uma vez que a abordagem feminista ressalta o sistema de opressões existentes em uma perspectiva relacional, os papéis que se desenham não dizem somente respeito ao feminino, mas também ao comportamento masculino. Assim, o feminismo deve ser referido de forma abrangente, sendo fundamental que os homens também sejam sensibilizados para seus preceitos, pois são estes que se beneficiam nas relações de poder estabelecidas com base no patriarcado e que, reconhecendo a desigualdade de poder construída culturalmente entre os sexos, poderia atuar efetivamente para a modificação de tal realidade. A concepção patriarcal, enfocada na valorização dos elementos atribuídos ao masculino, é um discurso que afeta a todos e todas e muitas mulheres, mergulhadas e constituídas nessa sociedade, aderem aos discursos que violentam e inferiorizam a esfera do feminino. Bell Hooks reflete sobre o conceito de sexismo como um substituto mais adequado de machismo, uma vez que muitas mulheres também se embasam em tais

perspectivas discriminatórias, sendo necessário um processo de conscientização para que mudanças se tornem perceptíveis. Hooks afirma que:

[...] mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto os homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência, (HOOKS, 2018, p. 25).

Assim, observando o fato de que a sociedade se coloca como um território de reprodução de discursos sexistas que são apreendidos e reproduzidos, atingindo centenas de adolescentes, acarretando situações de baixa autoestima, incentivo à rivalidade feminina, à submissão frente ao masculino, entre outros efeitos contrários a uma formação realmente libertadora. O ambiente escolar deve estar atento para esta situação e mobilizar práticas que realmente possam empoderar as jovens, para que estas possam se reconhecer como sujeitas ativas e passíveis de decisão. Compreender o empoderamento como um processo de extrema complexidade, mas de evidente potencial transformador é importante, pois possibilita que estratégias sejam traçadas para fornecer instrumentos de autoestima e autoempoderamento. Aliás é necessário ressaltar que o desenrolar da construção individual de uma postura emancipatória ocorre em meio a coletividade, ou seja, ela só é de fato emancipatória se a todos beneficia. Deste modo, compreende-se que ninguém empodera ninguém, mas sim que o processo de reconhecimento das capacidades e a valorização de si enquanto agente de construção de uma justiça comum se dá por meio de táticas coletivas, um olhar para si dependente da empatia pela situação do outro. Berth discute esta questão, expondo que:

O empoderamento, assim como o lugar de fala, coloca-se em uma posição estratégica de descortinador da bipolaridade social que ao mesmo tempo anseia pela igualdade em um sintoma confuso de crise ética, mas não e mostra disposta a olhar para os seus acúmulos e questioná-los no sentido de promover um recuo em nome de uma transformação social completa e possível (BERTH, 2018, p. 53).

Diferentes questões podem provocar reflexões que oferecem a possibilidade de aprendizagens e rupturas com a ordem sexista ainda vigente, apesar dos avanços e conquistas auferidas pela organização de mulheres, e o ensino de História apresenta-se

como uma ferramenta interessante para a abordagem do tema do feminino, demonstrando o caráter temporal e cultural de determinados discursos e visões de mundo. Assim, a História é uma área de conhecimento fundamental para desvelar o suposto caráter natural da ordem vigente, pois demonstra de que modo se constituem as narrativas que ao longo do tempo passam a ser tratadas como verdades incontestáveis. O ensino de História Antiga, por meio de personagens femininas consideradas icônicas na literatura greco-romana, podem se mostrar uma ferramenta educativa de grande valia para encetar esta discussão.

A opção por abordar a figura de Helena de Troia está atrelada à complexidade desta personagem e a simbologia que esta carrega em relação ao ideário do feminino, e que atravessa os séculos: a História da rainha espartana que é levada a Troia e pela qual se estabelece um conflito armado que dura dez anos ainda repercute e é ressignificada em obras literárias e audiovisuais, como filmes e séries. Helena, semideusa, filha de Zeus com a mortal Leda, era cantada por sua beleza inigualável, a qual a colocava como objeto de desejo e disputa entre os principais heróis da época. É possível recolher variadas interpretações da figura lendária de Helena nas obras da Antiguidade, e autores do período registraram sua visão sobre a esposa de Menelau em tratados filosóficos ou históricos, na dramaturgia e, obviamente, na literatura épica, a qual foi a primeira a referir a personagem nos poemas *Ilíada* e *Odisseia*, redigidos supostamente pelo aedo Homero.

Helena aparece pela primeira vez na literatura na obra *Ilíada*, poema cuja narrativa se desenvolve no décimo ano da guerra entre gregos e troianos e que tem a finalidade de cantar a fúria de Aquiles, principal combatente grego e que se afasta do conflito por desavenças com Agamemnon, rei de Micenas e líder da incursão que visava recuperar a cunhada. O presente estudo não visa debater os aspectos históricos envolvidos sobre o possível conflito narrado na literatura, mas sim se ater nas fontes literárias como veículos de informação sobre o imaginário do período a respeito do feminino. Os poemas homéricos assim, teriam sido redigidos por volta do século VIII a.C., registrando componentes de uma narrativa oral importante para a cultura daquela civilização. A Guerra teria sido motivada pelo rapto ou fuga de Helena para Troia, acompanhando o príncipe Páris que teria traído a hospitalidade oferecida por Menelau

durante sua estadia em Esparta. Os dez anos de conflito acarretam em centenas de vidas ceifadas e na destruição completa da cidade de Troia e do massacre de seus habitantes.

Este é um primeiro ponto de debate: seria, desta forma, uma mulher a responsável por um conflito de tamanhas dimensões e que significou a morte dos heróis de maior destaque, cujos feitos gloriosos deveriam ser cantados pela eternidade? A culpa de Helena foi um tema de debate e discordância entre os autores da Antiguidade Clássica e é possível valer-se destes textos para propor uma investigação junto aos alunos sobre esta temática. Quem julga Helena? Homens, afinal o domínio da escrita, e em especial da escrita que se faz pública, é masculina. Este é um ponto interessante para ser apropriado em sala de aula, referindo às possibilidades de olhares enviesados na perspectiva de um julgamento desta personagem, as expectativas sobre suas ações e comportamentos e de que forma Helena rompe com o que dela é esperado.

Não há um consenso em relação à culpa ou à inocência de Helena nos registros literários que chegaram aos dias atuais. A personagem é mobilizada de diferentes modos de acordo com o contexto e os interesses dos autores, e muitas vezes um mesmo escritor pode apresentar a figura da rainha espartana de modo diverso, como é o caso de Eurípedes, dramaturgo ateniense que apresenta uma Helena fútil, que usa a retórica enganadora para se eximir de qualquer responsabilidade, além de sua beleza, um discurso convincente em si mesmo, na obra *As Troianas*, enquanto, posteriormente, na obra *Helena*, a imagem da filha de Zeus é totalmente inocentada pois nem sequer à Troia teria ido de fato. Helena é uma figura dúbia, e este é outro elemento que pode ser proposto para refletir sobre a personagem: é possível coletar informações suficientes para dimensionar a culpa da personagem em relação ao conflito? Acaso somos aptos para propor uma condenação da personagem? Que fatores a personagem teria à sua disposição para tomar decisões ou atuar frente às situações que se colocavam diante dela?

Helena é uma personagem que é mãe, esposa e rainha. O que dela se espera no contexto de produção das narrativas épicas e na recepção posterior destes textos literários, em outras temporalidades e culturas? As narrativas homéricas relacionam o feminino ao âmbito doméstico: as mulheres têm a função de se envolver com a gestão da casa, a manutenção dos suprimentos e o controle dos escravos e demais serviçais. Deste modo, Helena aparece no desempenho destas atividades com grande desenvoltura

e habilidades no poema épico Odisseia, narrativa que enfatiza as peripécias de Odisseu, e que apresenta a rainha espartana reestabelecida em seu lar junto a Menelau. O casal, que desfruta aparentemente de harmonia conjugal, recebe o filho de Odisseu, Telêmaco, que vai em busca de notícias do pai, o qual há uma década vagueia pelo mar sem conseguir retornar para seu lar. Helena, ao perceber a tensão sob a qual se encontra o jovem, oferece-se para lhe preparar uma bebida que aprendeu no Egito, referindo assim outro elemento associado frequentemente ao feminino: o domínio do conhecimento de ervas e poções, a ligação com o sobrenatural e o exótico.

A culpa de Helena é objeto de reflexão do sofista Górgias que se valeu da personagem homérica para apresentar suas habilidades retóricas na defesa da rainha espartana no que ficou conhecido como “Elogio à Helena”. A argumentação do filósofo perpassa exatamente por alguns aspectos que se associam, comumente, às mulheres, como a incapacidade de decidir por si mesma, ou seja, Helena, enquanto mulher, estaria isenta da culpa pelo conflito bélico, pois não poderia se negar aos desejos dos que lhe são superiores, sejam os deuses, Páris como homem e, portanto, mais forte fisicamente e mais persuasivo no uso da retórica. Assim, vulnerável e frágil, Helena não tem outra possibilidade que seguir o príncipe troiano, seja essa seu desejo ou não, pois seus anseios não são consultados.

Assim, é possível refletir em sala de aula sobre as disposições sociais relativas ao feminino e sua presença em narrativas que eram parte integrante e fundamental da educação na Grécia Antiga instigando os estudantes para que tentem averiguar a existência de dispositivos semelhantes na educação atual. Os textos antigos demonstram a existência de uma pedagogia que aloca o feminino a determinados espaços, mas também é possível observar rupturas por meio das ações das personagens mulheres que ganham destaque na trama. Deste modo, há uma passagem no início da *Iliada* em que os heróis são citados, e seus atributos apresentados: momento de glória, uma vez que a maior expectativa de um guerreiro é que seu nome seja mantido na memória por seus feitos de coragem e nobreza. Chamada para a realização deste importante e solene ato, é Helena quem apresenta a Príamo, rei de Troia, e aos leitores, os combatentes aqueus e suas habilidades. Neste trecho, Helena passa entre a população troiana, admirada pela beleza da rainha, ao mesmo tempo em que Príamo a isenta da culpa pelo conflito:

Ao perceberem Helena, que vinha apressada para eles, uns para os outros, baixinho, palavras aladas disseram: “É compreensível que os Teucros e Aquivos de grevas bem feitas por tal mulher tanto tempo suportem tão grandes canseiras! Tem-se realmente a impressão de uma deusa imortal estar vendo. Mas, ainda assim, por mais bela que seja, de novo reembarque; não venha a ser em futuro motivo da ruína dos nossos”. Isso diziam, mas Príamo chamou Helena em voz alta: “Vem minha filha; aqui mesmo bem perto de mim vem sentar-te por que o primeiro marido, os parentes e amigos revejas. Não és culpada de nada; os eternos, somente, têm culpa, que nos mandaram a guerra dos fortes Aqueus, lacrimosa. (HOMERO, 2003, p. 108).

A passagem em destaque permite a reflexão sobre o fato de que apesar dos discursos que remetem às mulheres a espaços distantes da esfera pública, mais valorizada nas sociedades Antigas, as mulheres encontravam lacunas para que sua voz reverberasse. Em pleno conflito bélico, espaço por excelência do masculino, Helena é reconhecida como uma autoridade, pois ninguém melhor do que ela poderia, do alto das muralhas de Troia, examinar cada um dos inimigos que cercavam a cidadela e preparar os sitiados para o que viriam enfrentar. Helena é quem dá nome aos aqueus e introduz personagens de reconhecida importância como Agamemnon, Ajax e Odisseu. A avaliação da rainha troiana das capacidades dos guerreiros aqueus é considerada e seu conhecimento sobre cada um destes personagens é valorizado. Deste modo, uma das cenas cruciais da obra é apresentada pela ótica de uma personagem feminina, Helena, que se mostra muito distante do alheamento do espaço público promovido entre as mulheres pelos diferentes discursos sociais: Helena não apenas fala, mas sabe sobre o que está falando.

As mulheres, muitas vezes apresentadas como seres sem a possibilidade de desenvolver uma autonomia plena, e, portanto, necessitando de tutela, assemelhavam-se a crianças, e seu corpo, incompleto e frio, não estaria apto para a vida na arena pública. Contudo, por meio da personagem Helena, é possível observar que as mulheres conseguiam encontrar lacunas através das quais agiam de forma explícita ou não em prol de seus interesses. Muitas das ações da personagem Helena parecem distantes do prescrito ao feminino e de um olhar que atribui às mulheres escolhas precipitadas e impulsivas. Helena é uma personagem que parece avaliar seus passos e as possibilidades que se mostram a ela e, dentro de seu raio de ação, opta por determinada atitude e não hesita em recuar quando percebe que a escolha não foi a mais adequada. Exemplo disso é uma passagem da obra *Iliada*, a qual retrata o momento em que Helena, aborrecida com o desenrolar da situação e com a postura lânguida de Paris,

personagem pouco afeito às glórias guerreiras, acaba por desacatar Afrodite, que logo a ameaça e obriga Helena a rever sua postura e recolher seu desgosto.

Cheia de medo ficou a nascida de Zeus poderoso, e, sem dizer mais palavra, se foi, no véu branco envolvida, sem que as Troianas a vissem; servia de guia para o demônio. Logo que o belo palácio do divo Alexandre alcançaram, para os trabalhos usuais retornaram depressa as criadas, enquanto Helena, a divina, ingressava no esplêndido tálamo. Uma cadeira Afrodite, dos risos amante, lhe trouxe, indo depô-la defronte de Páris, o divo Alexandre. Sentase Helena, a nascida de Zeus, sem olhar para o lado onde o marido se achava. (HOMERO, 2003, p. 115).

Helena mobilizava suas palavras e o raciocínio lógico para sua sobrevivência: exposta ao extremo e estando na centralidade deste cenário, a personagem age com cuidado e previdência entre homens e deuses, ambos superiores à sua condição. A personagem, entretanto, utiliza de uma série de artifícios para que possa manter-se ileasa ao longo do cerco de Troia e após a queda das muralhas por meio do conhecido estratagema do Cavalo de Madeira, e assim como as palavras persuasivas, Helena também usa seu corpo, que fala por si. Assim, não é possível desvincular a personagem desse elemento que lhe é essencial e que perpassa pelo discurso sobre o feminino: a beleza física. A beleza é apreciada ao longo da Antiguidade, e é um marcador eivado de positividade; contudo, a beleza de Helena é excessiva, e tudo o que excede reflete em uma situação deletéria. Causadora de tantas mortes, a beleza de Helena também é um fator importante em seu processo de salvação, pois o olhar sobre seu corpo é o suficiente para o convencimento. Adúltera, Helena era passível de morte, e neste momento a rainha espartana compreende também que o corpo feminino se coloca socialmente como um objeto passível de modificar essa condição e propiciar a sua sobrevivência. Na peça teatral *As Troianas*, Hécuba, rainha da derrotada Troia, trava um duelo retórico com Helena, procurando convencer Menelau a se vingar da esposa. Hécuba, enquanto mulher, reconhece o perigo que habita no corpo de Helena e que há a significativa possibilidade de que Menelau venha a sucumbir à beleza da esposa.

Aprovo, Menelau, a tua decisão agora manifesta de matar Helena, mas inda tens receios de enfrentá-la e vê-la temendo que te volte o louco amor por ela. Helena atrai o olhar dos homens e os cativa, arruína povos e países, incendeia, tantos e tais são os encantos que possui. Tu mesmo e eu e suas numerosas vítimas a conhecemos bem pelo mal que nos fez! (EURÍPEDES, 2012, p. 213)

A beleza de Helena basta-se e é de tal modo plena e indiscutível que sequer precisa de detalhamento: Homero pouco descreve as características físicas da personagem. Helena é a divina figura, de peplo elegante, loura e cacheada. Porém, as informações sobre seu aspecto são escassas, conforme Maguire observa:

What is consistent in descriptions of Helen of Troy, from Homer to the twenty-first century, is absence of detail. Homer describes Helen as having “the face of immortal goddesses”; she wears “shimmering garments” and has glistening hair. In Virgil she wears silver robes and has hyacinthine curls. The lack of specificity makes sense: if Helen is indisputably the most beautiful woman in the world, as soon as you provide details you make her beauty disputable (MAGUIRE, 2009, p. 49).

O tema referente aos padrões de beleza é um ponto de interesse dos jovens estudantes, em especial as meninas, as quais costumam sofrer pressões para se adequarem a padrões de beleza estabelecidos socialmente e naturalizados em diferentes esferas midiáticas. A conformação de corpos alimenta uma série de indústrias, como a alimentícia e farmacêutica, ocasionando entre muitas mulheres transtornos psíquicos e prejudicando sua autoestima. Segundo Barbosa e Silva:

A sociedade atual é dominada por estereótipos de gêneros, produtora de um padrão masculino e feminino rígido, o qual estabelece corpos e comportamentos específicos para cada um desses. Nesse contexto, a busca por essa adequação produz corpos físicos “perfeitos” através de “receitas mágicas” de alimentação principalmente direcionada às mulheres. (BARBOSA, SILVA, 2016, p. 673).

Debater a perspectiva da beleza física como um atributo feminino por meio da figura de Helena mostra-se uma ferramenta interessante para a reflexão junto aos jovens em sala de aula, pois ao buscar apoio nos documentos é possível averiguar que a descrição do belo não é realizada de forma completa, permitindo que o leitor conforme esta imagem. Assim, o docente de história pode problematizar a perspectiva da beleza enquanto um elemento cultural e construir junto aos discentes as diferentes Helenas e suas variadas representações de beleza. O ensino de História Antiga, pode, deste modo, dialogar com preocupações contemporâneas e temas sensíveis aos estudantes, em especial as meninas, que são submetidas a um constante processo de controle de seus corpos, os quais passam a se constituir na submissão a estereótipos constituídos socialmente. Estudar História Antiga pode se mostrar assim, um instrumento de

emancipação das estudantes e de viabilização da discussão de temas importantes, como o feminismo e sua visão crítica referente a uma sociedade que ainda é pautada por discursos sexistas.

### **Considerações Finais**

A beleza física é um dos diversos elementos que são atribuídos ao feminino e o imaginário vinculado a esta questão e tudo o que ela envolve em relação ao universo material são fatores que oprimem as mulheres, em especial as jovens que se encontram em um processo de socialização e descoberta de si. Outros discursos que atribuem determinados papéis a homens e mulheres, constituindo uma verdadeira hierarquia entre os sexos se mantêm presentes ao longo dos séculos, e mostra-se fundamental, para que se estabeleça de fato uma sociedade justa e igualitária que tais narrativas sejam problematizadas e desmistificadas. O ensino de História, e em específico, o Ensino de História Antiga, pode ter um papel interessante nesse processo, uma vez que permite a reflexão sobre o feminino partindo de personagens icônica na cultura ocidental.

O debate dos temas vinculados ao feminismo e aos estereótipos relativos às mulheres pode ser estimulado por meio de figuras como Helena de Troia, rainha espartana levada a Troia e pela qual teria havido uma guerra de dez anos. A literatura épica que apresenta esta estória e que compõe modelos de comportamento durante a Antiguidade e Helena é uma figura recorrente em diversas obras como os poemas homéricos, nos quais é referida pela primeira vez, assim como em escritos filosóficos e de teor histórico, bem como na dramaturgia. A culpa ou não da rainha espartana pelo conflito é um tema sobre o qual os autores antigos se debruçaram, e Helena é muitas vezes criticada e apresentada como uma mulher fútil e da qual deveria se ter vergonha, uma vez que por sua causa tantos pereceram no conflito que teria levado à total destruição de Troia. Contudo, segundo a visão de alguns autores, Helena, enquanto mulher e, portanto, um ser mais frágil e incapaz de se negar às ordens de quem hierarquicamente lhe é superior, não teve culpa na situação trágica que se abateu sobre Troia por ser desejo dos deuses ou mesmo por ter sido coagida ou persuadida.

Muitos dos elementos presentes nesta forma de apresentar Helena se mantêm no imaginário social e a beleza semidivina da personagem ainda povoa os sonhos

ocidentais: procura-se Helena em cada corpo feminino. A expectativa da beleza, daquela que agrada, obedece, que preocupa-se com aquilo que é supérfluo, ainda está associada às mulheres, figuras decorativas e que pouco deveriam participar da vida pública. Problematicar tais concepções sobre as mulheres e o feminino faz-se importante, exatamente para refletir que tanto no cotidiano concreto quanto nas próprias narrativas da Antiguidade, os discursos apresentavam lacunas aproveitadas pelas mulheres, afinal Helena sabia se fazer audível.

O estudo sobre esta personagem é interessante para abordar junto aos jovens estudantes a construção de discursos sobre o feminino, evidenciando seu caráter histórico e possibilitando que os discentes questionem a quem serve a opressão produzida por narrativas que inferiorizam os papéis atribuídos às mulheres. De igual modo, observar a forma com a qual a literatura aborda Helena, demonstra também que ao longo do tempo, mulheres encontraram espaços de atuação e tensionaram os limites que se colocavam a sua atuação. Abordar temas como feminismo e a emancipação, tanto de homens quanto de mulheres, é essencial para o avanço em direção de uma sociedade menos desigual e o ensino de História Antiga pode ser, certamente, um instrumento interessante para que tal objetivo seja alcançado.

### Referências

- ANDRADE, Marta Mega de. **A Vida Comum: Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; SILVA, Laionel Vieira da. A mídia como instrumento modelador de corpos: Um estudo sobre gênero, padrões de beleza e hábitos alimentares. **Razón y Palabra**, 2016, 20.94: 672-687.
- BARBOSA, Renata Cerqueira. Gênero e Antiguidade: representações e discursos. **História Revista**, v. 12, n. 2, 2007.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- COELHO, Ana Lucia Santos; BELCHIOR, Ygor Klain. BNCC e a História Antiga: Uma possível compreensão do presente pelo passado e do passado pelo presente. **Mare Nostrum**, v. 8, n. 8, p. 62-78, 2017.

- EURÍPEDES. **As Troianas**. Tradução do Grego e apresentação: Mário da Gama Kury. 7ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012.
- FRANCISCO, Gilberto da Silva. O lugar da História Antiga no Brasil. **Mare Nostrum**, v. 8, n. 8, p. 30-61, 2017.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Teorias, métodos e conceitos aplicados à História Antiga: uma entrevista com Pedro Paulo A. Funari. **Romanitas** - Revista de Estudos Grecolatinos, n. 12, p. 12-23, 2018.
- HOMERO. **Iliada**. Tradução dos versos de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LESSA, Fábio de Souza. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernardino; PORTO, Letícia Ferreira. Os reveses do ensino de História Antiga no Brasil. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, n. 4, 2019.
- MAGUIRE, Laurie. **Helen of Troy**: From Homer to Hollywood. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2009.
- MATA, Giselle Moreira da. Personagens femininas nas comédias de Aristófanes: contribuições para os estudos de gênero na antiguidade grega. **Caderno Espaço Feminino**, v. 21, n. 1, 2009.
- PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 113-128, 2008.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu** (3) 1994: p. 29-62.